

# “ESCREVIVENDO O MUNDO” – A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Vanessa de Lima Morais Silva (UVA)

[vanessa.limams86@gmail.com](mailto:vanessa.limams86@gmail.com)

Silvana Moreli Vicente Dias (UVA)

[silmorelivdias@gmail.com](mailto:silmorelivdias@gmail.com)

## RESUMO

Escrevivência<sup>1</sup>, ou melhor dizendo, escrita e vivência, é um termo usado pela autora Conceição Evaristo para denominar um texto ficcional que confunde escrita e vivência. O conceito converge para a proposta deste ensaio, que foi desenvolvido com a finalidade de se defender uma proposta para o ensino conectada com a vida dos estudantes. O desenvolvimento do letramento literário na sala de aula tem o intuito de expandir as práticas de leitura literária na sociedade, de modo a aguçar a criticidade humana. A pesquisa nasceu da observação dos questionamentos feitos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública, no ano de 2018. Após estudos preliminares, foi oferecida uma aula para essa turma, empregando-se um texto do livro *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2017). A sequência de leitura foi desenvolvida tendo-se como referencial o suporte bibliográfico oferecido, sobretudo, Paulo Freire (1989) e Rildo Cosson (2009; 2017).

### Palavras-chaves:

Criticidade. Contextualização pedagógica.

Letramento literário. Produção textual.

## 1. Considerações iniciais

O mundo em que vivemos, a cada dia que passa, se torna mais competitivo. Pessoas têm pressa, e inúmeros questionamentos nascem sobre as atividades que precisam ser desenvolvidas e aprimoradas em nossa existência. Uma falha da sociedade é o exacerbado consumismo, aprofundado com o uso excessivo de redes sociais e internet, sobrando pouco tempo para se discutirem sentidos como a condição humana, relações entre cidadãos e o futuro do universo em que vivemos.

Nesse contexto, os jovens com seus questionamentos, dúvidas e perplexidades, em um contexto de exíguo sentido humano, podem se interessar pouco pelos estudos. Em muitos casos, eles não conseguem

---

<sup>1</sup> Neologismo criado pela escritora e Doutora em Literatura Comparada Conceição Evaristo. Utilizado pela primeira vez em 1995 em seu texto para um seminário sobre mulheres e literatura.

compreender o motivo pelo qual estudam literatura, contos, crônicas, fábulas, produção textual etc. Partindo-se dessa premissa, este artigo foi desenvolvido a partir de questionamentos de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual, em sua maior parte, com cerca de treze e quatorze anos, observados durante as atividades de Estágio Supervisionado no ano de 2018.

Em seguida, partiu-se para um estudo mais detido sobre as práticas de leitura literária desenvolvidas em escolas públicas e particulares no Brasil nos últimos anos. Percebeu-se que, sim, era possível comprovar, com bom embasamento teórico-prático, a eficácia de sequências didáticas cuidadosamente elaboradas para instigar a relação entre texto literário e vida social. Na trilha de Paulo Freire (1989), para que haja uma leitura significativa do texto, é preciso, antes de tudo, fazer leitura significativa do mundo em que se está inserido. O empenho em tecer relações entre texto e mundo permite com que indivíduos atuem – como leitores e produtores de texto – de forma consciente e satisfatória em qualquer âmbito da vida privada e pública em que desejem atuar.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado, como corpus, um excerto extraído do livro *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2017). Com base nele e na sequência didática aplicada em sala, foram feitas análises sobre as práticas de letramento dos alunos, tendo por escopo conscientizá-los de que são capazes de aprender, discutir e produzir escritas a partir da compreensão ativa de textos literários, associando-os ao mundo em que vivem.

Conforme Rildo Cosson (2009; 2014), as atividades para letramento em sala de aula podem envolver roda de leitura, criação de crônicas, contos, diários, História em Quadrinhos (HQs), jogos Role Play Game (RPG), blogs etc. A atividade proposta para a turma do 9º ano de uma escola pública do Rio de Janeiro envolveu, após a leitura do texto de Conceição Evaristo, a escrita do final da narrativa pelos próprios alunos.

A seguir, serão discutidos os passos dados para o desenvolvimento da atividade. Antes, serão apresentadas considerações de ordem teórica sobre o universo da leitura e das práticas de letramento literário.

## **2. A Importância das práticas de Letramento Literário**

Alfabetizar é fácil, porém “letrar” é um enorme desafio, que ainda não foi conquistado de forma satisfatória no Brasil. Documentos oficiais

como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) procuram contribuir para que o desenvolvimento das práticas de leitura literária em escolas de nosso país. No geral, estimulam-se os educadores a desenvolverem estratégias de leitura de uma forma contextualizada, de modo a auxiliar ou mediar os educandos em seu processo de formação. Busca-se, assim, que esse desenvolvimento do sujeito se reflita não somente para o ambiente escolar, mas também para a vida em sociedade, em toda a sua trajetória.

Podemos afirmar, com base em Paulo Freire (1989), que a escrita e a leitura de textos escritos são uma consequência da leitura de mundo, pois vida e escrita caminham lado a lado. Freire (1989) coloca que há necessidade de ler o mundo em que se está inserido, pois, dessa forma, associamos as palavras ao que estamos lendo, dando significado ao que se está aprendendo. Em caminho semelhante, Rossi (2015) destaca que é necessária a aprendizagem dos gêneros discursivos/textuais escritos na escola, pois a leitura, a compreensão, a discussão, a análise e a produção textual, que geralmente ocorrem nas aulas de língua materna, auxiliam o desenvolvimento intelectual do indivíduo, fazendo com que este se torne um ser crítico, ativo e eticamente responsável.

Por sua vez, Silva (1999) assegura que a leitura é uma atividade frequentemente mal compreendida em ambientes de escolarização. Em geral, a complexidade da leitura é desprezada por educadores, sendo mister planejar e orientar práticas pedagógicas significativas, para que o material a ser abordado em sala não seja considerado pobre. Nessa mesma linha, Floripi, Araújo e Vieira (2016) asseveram que existe um alto índice de insucesso escolar (vide reprovação nas séries iniciais) ligado diretamente ao uso ineficaz da linguagem, apontando-se para a necessidade de mudança no ensino de língua portuguesa. Uma possibilidade palpável, na trilha das autoras, de enfrentar essa situação é fazer com que aluno associe as aulas a sua vivência, por exemplo, por meio do emprego da carta argumentativa, gênero ligado à vida dos estudantes.

Como assegura Cosson (2009), a literatura deve ultrapassar os ensinamentos das características dos períodos literários, como o nome dos autores e a menção a obras. Esses elementos cronológicos poderiam ser trabalhados em uma sequência facilmente oferecida pela disciplina de História. Logo, os textos literários deveriam ser utilizados para ensinar a ler, de modo complexo e significativo. Porém, há obstáculos como o alto custo de livros. Assim, continua-se a trilhar caminhos com o ensino tra-

dicional de resumos descontextualizados, aprofundando-se compreensões empobrecidas de trajetórias autorais e de escolas literárias – como se fossem saberes homogêneos e imutáveis – como o Barroco, o Romantismo e o Naturalismo.

Propondo mudanças nessa prática tradicional, Cosson (2009, 2014) indica, como uma alternativa pedagógica para as aulas de literatura, as rodas de leitura e outras atividades que possam ser compartilhadas, as quais, por sua vez, contribuiriam para a reflexão empenhada sobre o texto lido, auxiliando-se o leitor a compreender o que se lê e ampliando-se os objetivos do que se deseja alcançar.

### **3. *A narrativa em sala de aula: perspectivas***

Quando queremos ler uma obra literária, podemos ir à biblioteca ou à livraria e escolher o título, o autor ou o assunto que mais nos aprez. E, quando não conhecemos determinada obra, podemos consultar as resenhas em *sites* e revistas, ouvir os amigos que já leram a obra, checar materiais publicitários sobre lançamentos e consultar as listas dos mais vendidos. Porém, na escola, existem outros fatores a serem acrescentados ao processo de seleção dos textos, pois se lida com os objetivos educacionais, a ratificação de determinados valores enfatizados pela comunidade escolar e, até mesmo, a legibilidade dos textos, que, separando os leitores segundo faixa etária ou série escolar, delibera um tipo diferente de linguagem para determinados grupos de leitores.

Para desenvolver o projeto de leitura que ora se apresenta, foi escolhido um excerto do livro “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo (2017). Quando se lê a pequena narrativa de modo independente do livro, observa-se uma grande afinidade com o gênero literário híbrido “crônica”. Este, por sua vez, é indicada ao 9º ano pelos PCN (1998), segundo o qual é fundamental apresentar textos narrativos que ofereçam fatos transcorridos no cotidiano. Por esse motivo, inclusive, a crítica literária tende a afirmar que a leitura de uma crônica flui de modo agradável, uma vez que leitor e signos textuais interagem de modo dinâmico. Em muitos casos, há identificação, por parte dos leitores, com as ações vivenciadas pelas personagens. Além disso, os textos são facilmente encontrados em revistas, jornais e livros, que circulam no cotidiano.

Nessa ótica, uma pequena narrativa de sabor cronístico, como o excerto de autoria de Conceição Evaristo, seria potencialmente bem

próximo da realidade de jovens. Por isso, abordá-la, com o intuito de fazer com que o aluno reflita sobre o mundo em que vive, o ajudaria na compreensão de sua existência. Essa aproximação com os sentidos da vida deveria ultrapassar o ambiente escolar, sendo essencial para as escolhas dos jovens. Por isso, Freire (1989) afirma que é importante que os textos interessem os alunos.

Consequentemente, o professor deve focar na qualidade do texto e não na quantidade deles. Cosson (2009), em seus estudos, aponta o uso do texto como um objeto que irá levar o seu leitor a uma reflexão, dando a ele liberdade de escolha. Portanto, o texto não deve ser usado como um pretexto para realizar uma prova classificatória ou simplesmente elaborar uma produção textual. Se assim o professor proceder, se esvaziará o sentido maior da literatura, tão precisamente delineado por Antônio Candido em seu ensaio clássico “O Direito à Literatura”:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portando nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 1995, p. 186)

Quando aluno e professor compreenderem que é muitíssimo importantes a leitura e a produção ativa de sentidos (portanto, o bom profissional não seria aquele que passa muito conteúdo, nem o bom leitor seria aquele que lê em grande quantidade), haverá, sim, a transformação positiva de mentalidades. A literatura teria, desse modo, por finalidade humanizar, libertar e transformar pessoas, uma vez que, para entender algo e até mesmo escrever, para que o outro compreenda a sua escrita, é necessário olhar, com os olhos do outro, a realidade vivida por ele. Assim, convivência empática está no cerne de um texto que irradia sentidos no interior de uma comunidade de leitores.

#### **4. *Propostas para letramento literário***

De modo a apresentar uma proposta prática, Cosson (2009) defende uma sequência básica de letramento literário na escola constituída por quatro passos: “motivação”, “introdução”, “leitura” e “interpretação”.

A “motivação” é a parte que fará com que o aluno se interesse por participar da aula. Por exemplo, pode-se apresentar uma foto para uma *timeline*.

A “introdução”, em seguida, é quando o educador explica sobre o tema escolhido e os textos a serem trabalhados em sala de aula. Essa leitura pode ser feita pelo educador ou pelo aluno, que, por sua vez, fará uma análise do que se está lendo.

Já a “interpretação” pode ocorrer por meio de inúmeras formas de expressão, quando o aluno traduzirá o que leu para o outro. Isso pode ocorrer por meio de uma pintura, uma produção textual, uma brincadeira, uma canção etc.

Quando enfatizamos, por exemplo, a escrita de um texto como parte de atividades de letramento literário, não apontamos somente para uma leitura de texto e uma compreensão dirigida do mesmo. Para produzir algo escrito e significativo para a vida, faz-se necessário compreender a estrutura da língua materna, mas se deve ir além disso. De forma contextualizada, o educador pode e deve trabalhar aspectos relativos à estrutura linguística do texto, ao emprego de elementos de coesão etc. Porém, deve-se apontar para seu uso efetivo como mecanismo de comunicação, de interação significativa. Por exemplo, podem-se abordar os diferentes discursos e ideologias por trás de um texto, tanto do ponto da vista da produção quanto da recepção. Enfim, são vários os caminhos que despertam o leitor para o sentido do texto, cabendo ao professor investigar quais as melhores estratégias para a sala de aula.

Em seu livro *Círculos de Leitura e Letramento Literário*, Cosson (2014) propõe algumas atividades que podem ser abordadas por educadores que têm por objetivo “letrar” seus alunos. Dentre elas, o autor cita as rodas de leitura, com base nas quais o aluno aprende não somente com sua leitura, mas também com a do outro, de modo a construir um universo mais amplo de leitura. Por exemplo, podem ser discutidas as temáticas do texto e, para checagem, podem ser utilizados questionários ou glossários. Em seguida, como consequência do exercício interpretativo, pode ser proposta a criação de crônicas e de contos. Sem dúvida, essas atividades auxiliam o aluno no desenvolvimento de seu pensamento e na ampliação de seu repertório interpretativo e criativo.

Cosson (2014) também aborda propostas como a criação de diários, em que o aluno escreveria sobre seu dia a dia, aprendendo a conhecer um pouco mais sobre si e sobre o que está ao seu redor. A criação de blogs, uma ferramenta muito atual, faria com que o jovem desenvolvesse a escrita para o outro, logo, podem-se empregar temáticas voltadas a um público-alvo, sendo necessário ter uma consciência sobre a forma esco-

lhida da escrita. Mais ainda, os jogos de RPG são excelentes para desenvolver a criatividade e a prática oral, pois esse instrumento, a partir de um orientador, permitiria a abordagem de temas com base nos quais é desenvolvida uma história sequencial, de forma espontânea e improvisada. Por fim, os HQs apontariam para uma criação multimodal mais elaborada, de modo que o visual se imbricaria com o próprio texto.

Essas práticas podem ser utilizadas em sala de aula conforme o interesse da própria turma. O educador pode selecionar algumas dessas atividades e trabalhar de forma profunda, fazendo com que as aulas de Língua Portuguesa não se resumam a gramática ou a conteúdos teóricos, o que, para muitos, é extremamente monótono e desprovido de significação.

## **5. *O corpus***

Conforme orientações de documentos oficiais, um gênero literário que pode ser abordado em sala de aula de 9º ano do Ensino Fundamental é a crônica, que tem por finalidade trabalhar com temas do cotidiano, escritos em textos curtos. O livro “Becos da Memória”, como abordado pela própria autora, é um texto ficcional longo que confunde escrita e vida. O tecido do texto é oferecido por uma sequência de pequenas narrativas de vidas vividas na favela nos idos de 1968, que funcionam como crônicas da periferia empobrecida se lidas individualmente.

O excerto de Conceição Evaristo (vide Anexo), que constitui o corpus desta pesquisa, não tem um título, porém sua temática dialoga com o cotidiano e seu andamento narrativo é bastante dinâmico. O texto retrata a vida de uma família que enfrenta problemas existentes na sociedade, mas que são profundamente acentuados nas comunidades periféricas brasileiras.

## **6. *Encaminhamento de uma proposta de letramento literário***

A sequência de leitura aqui apresentada foi aplicada em uma escola estadual da cidade de Nilópolis (Rio de Janeiro), no ano de 2018. Localizada no bairro central dessa cidade, essa escola atende ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A turma era de 9º de Ensino Fundamental, composta por 40 alunos. O rendimento da turma é considerado médio, porém a maioria dos alunos demonstrava nítido desinteresse pelo

estudo. A partir da vivência como estagiária, repensou-se a forma como o sistema de educacional vem abordando o ensino de língua portuguesa e suas literaturas. A partir dessa reflexão, foi proposta uma sequência de leitura baseada em Cosson (2009), conforme aparece no livro *Letramento Literário: teoria e prática*.

A sequência básica de leitura teve como objetivo explorar a criatividade dos alunos, o trabalho em grupo, a produção oral e a escrita, a reflexão sobre o texto e a discussão sobre o tema, a partir de um trecho de texto narrativo. Por se tratar de uma aula obrigatória no contexto do Estágio Supervisionado, foram empregadas apenas duas aulas de 50 min.

### **1ª etapa – Apresentação inicial**

Essa etapa se iniciou com uma conversa, com o intuito de apresentar aos alunos a proposta da atividade, bem como o gênero narrativo que seria explorado e sua importância. Foram feitos questionamentos sobre suas vidas, seus passados e suas expectativas futuras. Foi então solicitado que os alunos descrevessem, caso pudessem registrar em suas *timelines*, uma cena do passado. Em seguida, após mencionarem o dia, foi pedido que relatassem, de forma oral, o motivo da escolha, narrando esse momento.

### **2ª etapa – Apresentação do livro e autora**

Aos alunos foi apresentado o livro “Becos da Memória” (2017). Primeiramente, após ler o título, eles foram questionados sobre a escolha do título do livro, se teriam alguma hipótese sobre a motivação de Conceição Evaristo. Também foi explicada a forma de escrita do livro, o cenário por ele abordado etc. Foram relatados, em seguida, aspectos da vida da autora, de onde ela veio, sua posição social antes e depois da formação escolar, qual sua posição social atual, seu prestígio na cena pública brasileira como intelectual reconhecida, suas perspectivas antes e depois dos estudos etc.

### **3ª etapa – Leitura e produção textual**

A turma foi dividida em grupos, especificamente, em 10 grupos de 4 alunos. Foram distribuídas folhas para produção textual, com a última frase lida (que caracterizava o clímax da pequena narrativa) pela graduanda e estagiária. Em seguida, linhas em branco convidavam os estudantes a completarem a estória. Os alunos deram um novo final ao

texto lido, de acordo com suas perspectivas de vida e o mundo no qual estão inseridos.

Foi, em seguida, solicitado que prestassem atenção à leitura feita por cada um deles. A graduanda tinha lido o texto até o clímax da narrativa, criando expectativas e aguçando o desejo dos alunos para que conhecessem o final da história. Nesse momento, encaminhou-se uma atividade que promoveria inúmeros finais para a narrativa.

#### **4ª etapa – Desfecho e a produção oral**

Após um tempo para produção, todos foram orientados a prestar atenção no final produzido por cada colega, que, de forma voluntária, decidiu levantar, ir para frente da turma e reproduzir seu texto de forma oral, deixando com que os colegas de classe avaliassem suas escritas, seus pensamentos, sua oratória.

Ao final da leitura de todos os grupos, o texto de Conceição Evaristo foi lido, mas agora integralmente, incluindo o final. A turma entra em choque ao saber que a mãe da menina, quase da idade deles, a vende a um desconhecido com a intenção de mudar a história de vida dela, do marido e do filho doente. Com o desfecho, a turma reflete e analisa, conduzidos pela graduanda, sobre o sentido ético da vida em sociedade. Os alunos são convidados a oferecer exemplos do próprio dia-a-dia em sua comunidade, fazendo uma reflexão sobre o que acontece fora dos muros escolares e como podem levar tais ensinamentos para sua vida.

#### **5ª etapa – Apresentação final**

Referido momento é separado para a reflexão sobre a literatura, seu contexto e o uso na vida social, não somente com uma disciplina a ser abordada em sala de aula, mas como uma forte ferramenta a ser empregada na vida prática. Logo, é possível se expressar ao outro de forma crítica, com um olhar que envolva o ambiente em que se está inserido. Há uma breve explicação sobre os diferentes tipos de texto, como e onde podem ser utilizados, quais mecanismos linguísticos podemos empregar para cada tipo de produção textual, quando o foco é o outro ou quando o foco somos nós mesmos, de modo a se conduzir uma autoanálise que considere, inclusive, o momento político e social que estamos enfrentando.

## **7. *Análise dos resultados obtidos***

Em princípio, houve receio sobre a abordagem da narrativa curta em sala de aula, pois os alunos pareciam saturados em tentar entender os textos e estudar gramática. Porém, como era algo que eles mesmos haviam sugerido, a atividade proposta parecia oportuna.

Observou-se que os alunos estão abertos a mudança e que realmente desejam interagir com o que é apresentado pelo educador. Dessa forma, de forma espontânea, não relutaram em praticar as atividades, mostrando-se dispostos a aprender sobre a narrativa breve, de teor cronístico, e seus objetivos. Assim, organizaram-se e ficaram atentos, sem que houvesse muito esforço por parte da estagiária para motivá-los.

Em primeiro momento, analisaram suas vidas e pesquisaram em suas memórias o que poderia ter sido importante para eles no passado, seja distante ou recente, que desejariam compartilhar em suas redes sociais. Sem hesitar, descreveram esse dia, utilizando detalhes e emoções por eles vividos nesse período.

Em sequência, identificaram-se com a autora, que teve um passado de privação, mas que não a fez interromper seus objetivos de vida. Nesse momento, refletiram sobre o período que estavam vivendo. Em seguida, ouviram atentamente a história lida, pedindo para conhecerem seu final. Nos meses de convivência com a turma, pela primeira vez notou-se grande motivação em uma aula de literatura, mesmo com um texto tão curto, que não demandou mais de cinco minutos para ser lido. Paradoxalmente, a despeito da realidade dura presente no texto literário, desenvolveram um final feliz em suas escritas, talvez o final que suas mentes desejavam para suas próprias vidas. Leram o final de sua autoria com orgulho, alguns com timidez, o que não impediu o compartilhamento de suas leituras com o grupo.

Quando se lida com jovens de periferia, é comum se afirmar que esses alunos de escola pública de baixa renda não têm muitos objetivos, que só desejam se divertir, comer merenda e, no final, arrumarem um emprego para gastar dinheiro, que não vale a pena investir neles. Pelo contrário, durante a sequência básica de leitura, foi possível ver jovens entusiasmados pelo trabalho em grupo, dispostos a ouvir e a entrar em consenso com o amigo que produzia junto a ele. Ali estavam jovens que, mesmo com medo, saíram de seus lugares e foram à frente para expor suas ideias e suas criações literárias, com o intuito de serem ouvidos por alguém, com disposição para defender seus ideais.

Esses jovens discutiram sobre ética da vida em sociedade, um tema transversal, se o texto conversava com a realidade ou não, sobre quando devemos ser éticos, se é correto ultrapassar suas crenças com o objetivo de se “dar bem”, se é justo e ético fingir fazer algo e até mesmo ser outra pessoa. O grupo estava aberto aos desafios de leitura, pronto para enfrentar jornadas de crescimento intelectual e sócio-emocional em conjunto.

## **8. Considerações finais**

Sem dúvida, há algumas falhas na educação básica, que tanto podem ser atribuídas a educadores que não tiveram uma formação que valoriza os estudantes como sujeitos autônomos, quanto a normas adotadas pela própria instituição, sobretudo aquelas que supervalorizam o calendário e o currículo escolar descontextualizado.

A sociedade atribui ao professor a responsabilidade por toda e qualquer mudança na educação, como se, com seus superpoderes, fossem fazer uma mágica que iria transformar o desejo dos educandos, e esses, conseqüentemente, suplicariam por conhecimento, tornando-se críticos e extremamente intelectualizados.

Porém, professores não são super-heróis e não fazem mágicas. Portanto, para que alunos tenham um letramento eficiente, é necessário um trabalho em conjunto com a escola e a sociedade, de modo que a instituição dê suporte ao educador, e este possa atuar como mediador de um processo educacional significativo e empenhado verdadeiramente na transformação social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Base Nacional Comum Curricular. Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio*. Brasília-DF, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf). Acesso em: 4 abr.2019.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Introdução aos parâmetros curriculares (5ª parte)* Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf). Acesso em: 31 mar. 2018.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-91

COSSON, Rildo. A sequência básica. In: \_\_\_\_\_. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 51-74

\_\_\_\_\_. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FLORIPI, S. A; ARAÚJO, L. C. A; VIEIRA, R. F. S. Gênero cartas argumentativa em sala de aula: uma proposta para o desenvolvimento da leitura e da escrita. *Revista (Con)textos Linguísticos*. v. 10, n. 17, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14803/10821>. Acesso em: 04 jun. 2018

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: \_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. p. 9-14

ROSSI, Albertina. Aquisição de gêneros escritos na Escola. In: \_\_\_\_\_. *Linguística Textual e ensino de língua portuguesa*. Curitiba: Intersaberes, 2015. p. 159-90

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. In: *Perspectiva*, Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 11-19, jan - jun. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213>. Acesso em: 15 fev. 2018.

#### **ANEXO 1 – Excerto de *Becos da memória*, de Conceição Evaristo Bondade, então começou a contar:**

Maria-Nova, em um barraco desses há uma menina de sua idade. Quantos anos você tem? Treze. Isto mesmo, treze anos. A menina sonha infantis desejos, guardar na palma das mãos estrelas e lua. Armazenar chocolates e maçãs. Ter patins para dar passos largos... A mãe da menina sonha leite, pão, dinheiro. Sonha remédios para o filho doente, emprego para o marido revoltado e bêbado. Sonha um futuro menos pobre para a menina. A mãe da menina sonha ter nenhuma necessidade. Sonha dinheiro, dinheiro, dinheiro...

Outro dia, veio aqui o fornecedor da fábrica de cigarros, suprir botequins da favela. O homem, diferente de nós, fala grosso coma mão no bolso. A mãe da menina fica a olhar a mão do moço sempre no bolso. Os dois se olham. Ela já sabe do vício do moço. O moço já sabe das necessidades da mãe da menina. O moço é rápido, direto, franco e cruel. “Quanto você quer, mulher?” A mãe da menina não responde. O moço tira um pacote de notas. A mãe chama a menina: “Nazinha, acompanhe o moço!” O homem pega a menina

